

A proposta revisitada de Labov para o estudo da narrativa

Lélia Erbolato MELO
FFLCH-USP

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar e comentar, a partir de exemplos extraídos dos *corpora* de cinco crianças que freqüentavam uma creche da Universidade de São Paulo, o modelo de narrativa laboviano, mostrando que não se trata de uma questão de organização de conteúdo, mas de diferentes tipos de discurso, o que torna um texto digno de ser contado.

Palavras-chave: narrativa; modelo laboviano; criança.

Abstract: This paper aims at presenting and commenting, based on examples taken from the *corpora* with five children who used to attend a nursery school from Universidade de São Paulo, the Labov narrative model, showing that it is not a question of content organization but of different kinds of discourse – which makes a text (or story) worth telling.

Key words: narrative; Labov model; child.

Resumen: Este trabajo tiene por objetivo presentar y comentar, a partir de ejemplos extraídos de los *corpora* de cinco chicos, que frecuentaban una guardería infantil de la Universidad de San Pablo (Brasil), el modelo de narrativa laboviano, mostrando que no se trata de una cuestión de organización de contenido, pero de diferentes tipos de discurso, lo que torna un texto digno de ser contado.

Palabras clave: narrativa; modelo laboviano; chico.

Se o estruturalismo originário de Propp privilegia a ênfase numa estrutura narrativa repetitiva, ao contrário Labov enfatiza, segundo F. François (1996, p. 167), ‘a narrativa como discurso e a avaliação como aquilo que torna o texto digno de ser contado’. No entanto, outro aspecto a ser assinalado é que Labov não pensou jamais em atribuir um valor universal a seu modelo. Com base neste comentário inicial, a intenção é apresentar aqui um exemplo de análise da narrativa, a partir do texto de Labov ‘La transformation du vécu à travers la syntaxe narrative’ (1972; ed. fr. 1978), mas procedendo de modo diferente do autor, uma vez que ele se ocupou das narrativas de experiências pessoais “onde os locutores se preocupam em reconstruir, até em reviver, fatos de seu passado”. No quadro desta exposição, procuraremos fazer, a exemplo de Sabeau-Jouannet (1984), a transposição de Labov para os textos de crianças.

Em seguida, e sem a pretensão de “labovisar” todas as narrativas, lembráremos que, mais freqüentemente, as narrativas comportam ‘organizadores dominantes’ e que a avaliação, a última categoria isolada por Labov é, sem dúvida, a mais original.

Dito isto, retornamos rapidamente a Labov (op. cit., p. 305-306), quando ele adverte que precisava modificar o esquema em Labov e Waletzky (1967) “ a fim de mostrar que A (Avaliação) é um ponto de onde partem ondas de avaliação que penetram toda a narrativa”. Como se vê, esta revisão da posição precedente de Labov pretendia mostrar que a avaliação pode ocorrer num ponto qualquer da narrativa. E esta nova posição se consolida pela confrontação com o esquema de uma narrativa completa que Labov propõe (op. cit., p. 298).

Assim, em combinações diversas, a estrutura geral da narrativa comporta as seguintes partes: **1.** resumo; **2.**

indicações; 3. desenvolvimento; 4. avaliação; 5. resultado ou conclusão; 6. coda.

1. *Resumo e 6. coda*: o resumo baseia-se antes de tudo no conteúdo, mas é primeiramente um procedimento de apelo ao outro, um modo de chamar a atenção do interlocutor. Assim no exemplo seguinte, quando o sujeito começa a expor a ação principal:

1. A: Henrique conte pra mim o que você fez no domingo passado

2. H: *fui no...ah...eu tava no avião e eu vi o universo*

E correlativamente a *coda*, a moral da história ou o indicador de fechamento do texto. Assim na narrativa mínima de

3. A: Rafa...passarinho Rafa...essa é a Juliana essa é a Lilian...como é a história?

4. PR: *num lembro*

Ou no exemplo, depois de um pedido do adulto de repetição da história do passarinho Rafa:

5. CR: aí depois chegô () porque o Rafa não gostava...() gritava a a Julieta () aí depois tava na árvore () cabô...chorano *porque o meu ouvido doeu*

Aqui, poderíamos pensar (talvez) numa coda particularmente “hábil”, aparentemente desconectada do resto da narrativa ou, ao contrário, que a criança introduz um outro tema (da ‘dor de ouvido’).

2. *Indicações*: antes de mais nada, numa narrativa é necessário precisar o momento, o lugar, as pessoas, sua atividade ou sua situação.

Esta parte de indicações apresenta características sintáticas interessantes; os verbos no imperfeito, por exemplo, são freqüentes;

6. C: ah:::a gente brincamo
7. A: mais de quê?
8. brincamo de princesa
9. C: a princesa *era* a Fabiane
10. C: a...*á tinha* uma fada ()
11. C: um rei...também não ah mas a Ca a Carolina também brincou

3. *Desenvolvimento* e 5. *Resultado ou conclusão*: “Estas duas categorias ilustram bem que há uma lógica natural das ações: o semantismo esperado faz passar disso àquilo, torna-o ‘lógico’ no modo situação – ruptura ou causa-efeito, independentemente de toda codificação gramatical” (F. FRANÇOIS, op.cit, p. 170). Assim em

12. A: e aí o quê é que o Rafa faz?
13. PR: *pula e cai...e se machuca aqui na telha*

vemos que, além da seqüência de ações, o resultado pode se revelar também só pelo sentido lexical dos termos. Assim, parece-nos que poderíamos pensar numa continuidade temática e lexical, e que esta continuidade das ações sucessivas não se exprime forçosamente somente pelo instrumento sintático, ou pelo conector (*e*), que aparece *intraturnos* e tem a função de adicionar novos elementos à narrativa, mas também pelo fato de que mensagens emitidas sucessivamente devem ter alguma coisa em comum (*ele salta e cai...e ele se machucou*).

4. A última categoria é a da *avaliação* (LABOV, 1978, p. 302): “Os procedimentos que o narrador emprega para indicar o propósito de sua história, sua razão de ser: porque ele conta, aonde quer chegar. Porque há muitos modos de contar a mesma história, e podemos fazê-lo dizer coisas muito diferentes, ou nada”.

Na seqüência da exposição, recuperamos a questão da avaliação para dizer que ela toma formas muito variadas. Ela pode se manifestar após o desenvolvimento (id. *ibid.*: 306) ou, ao contrário, em todo momento da narrativa, seja em seus encadeamentos.

Labov distingue *quatro tipos* de avaliação: avaliação externa; avaliação encaixada; avaliação pelo fato; avaliação por suspensão da ação. Nossa intenção é levar em conta, nesta exposição, somente os três primeiros tipos, observando que (segundo Labov) “quase todos os procedimentos de avaliação têm como fim suspender a ação”.

a) Avaliação externa: este procedimento consiste em interromper a narrativa a fim de explicar ao ouvinte onde está precisamente o interesse. Vejamos o exemplo:

14. A: (Lilian e Juliana) o que elas faziam...com o Rafa?

15. CR: é...ia tirá ele e ele gostou...*tava legal...tava legal...*

b) Avaliação encaixada: ela se encontra no próprio desenvolvimento da narrativa, prescindindo desta maneira de sua continuidade dramática. Ela corresponde, em nossa opinião, à utilização dos discursos reportados diretos (sobretudo) ou indiretos, marcados ou não na narrativa. O discurso reportado é, a um tempo, um mecanismo de avaliação da narrativa, e um meio utilizado pelo narrador para alcançar a adesão do ouvinte.

16. A: Henrique...hoje eu vou pedir pra você CONtar uma história pra nós...a história que você quiser

.....

17. H: uma moça ia...ia pra uma moça pegá um morango

18. H: e ele tava envenenado...aí veio a o homem o homem saco...*e (...) ele falou* quer uma bala e *ela falou...*

e ainda no exemplo seguinte, onde a comunicação se desenvolve num fundo de imaginário ou saber partilhado:

19. (A: inventa uma história e me conta)

20. PR: mas meu pai já contô uma da formiguinha

21 A: ah...eu não conheço como é que é?...como é que é essa história?

22 PR: que ela queria passá pelo rio mas não conseguiu daí o elefante *falô* pra ela i subi nas costa...

c) *Avaliação pelo fato*: aqui, a avaliação nos informa o que as personagens fizeram, e não o que disseram. Do mesmo modo, neste caso, o locutor se revela capaz de encaixar seu comentário inesperado.

23. A: conta pra mim a história tá bem?

24. An: ...aí ele voou voou...() ele voou e ele tá voltando e ele voou () *jogaram a gaiola dele no lixo* ()

Após ter falado da estrutura da narrativa e, principalmente da avaliação, Labov introduz um capítulo consagrado ao enriquecimento da sintaxe narrativa que se baseia em tudo o que na narrativa não é do fato narrado. Trata-se, ou de diferentes organizadores que podem ser expressos graças a “meios lingüísticos ‘simples, ou de processos de avaliação’ que permitem ao locutor assinalar o interesse do que ele narra. Neste sentido, Labov propõe *quatro* instrumentos principais (ou elementos avaliativos), conforme os procedimentos sintáticos utilizados: (a) intensificadores; (b) comparadores; (c) correlativos e (d) explicativos. Começamos pelos

(a) *Intensificadores*: gestos, entonação, fonetismo expressivo, repetições, quantificadores, enunciados rituais “dos quais podemos dizer que os encontramos tais e quais em todo procedimento de narrativa oral, no sentido estrito ou (na) acumulação de termos que têm significações próximas, como nas “descrições avaliativas” (F. FRANÇOIS, 1996, p. 173).

* Os *gestos* acompanham os “dêiticos”. Assim em:

25. A: Camila e agora você já se decidiu?...qual é a história que você quer contar?

26. C: *aqui* é a Cinderela

(Repetição da história: “O passarinho Rafa”)

27. A: uhn:::como foi que ele quebrou a asa Camila?

28. C: ele quebrou a asa *aqui*

* *A repetição*, “procedimento bastante simples, do ponto de vista sintático, é todavia eficaz de dois modos: ela intensifica uma certa ação, e suspende o conjunto da ação (LABOV, op. cit., p. 318):

29. A: você estava no avião e viu o uniVERso?

30. H: eu vi o universo à noite que...tinha um que *tinha um esqueleto* lá de () que não deixava e *tinha um esqueleto* também ()...aí eu aí *o avião quase que o avião* caiu ()

31. A: mas deu tempo de fazer tudo isso no domingo? você foi até lá e voltou?...

32. H: *ah vi eu vi* eu fui no () eu fiz um monte de coisa...

* *Os quantificadores*:

33. A: não dez anos?...e porque ele não gostou da montanha espacial?

34 H: ...como tava começando a chovê molhô *todo* meu cabelo e minha roupa

(b) *Comparadores*: “poderíamos chamar = comparadores, no sentido estrito, tudo aquilo que relaciona a situação atual com outra coisa” (F. FRANÇOIS, 1996, p. 174). Ou então, parafraseando Labov (op. cit., p. 319) “[eles (os comparadores)] avaliam os fatos que ocorreram

comparando-os com aqueles que poderiam ter ocorrido, mas (que) não ocorreram”. O autor cita negações, formas do futuro, modais e comparações, que permitem a avaliação dramatizando. A *negação* desempenha um papel importante na narrativa de crianças:

35 A: que coisa você queria fazer que ele NÃO deixou?

36. H: eu queria ir no:::...no na:::*não* meu primo que falô se ele se eu gostava de maluquinho () no escuro e a mas eu *não* queria que era muito rápido meu pai falô que era tudo bem...pode levá eu só que só que eu *não* podia ir porque uma vez eu falei assim e assim

Ou ainda a *comparação* em:

37. A: você quer que eu te conte mais uma vez?...então eu vou ler...pronto Caroline?...pode contar

38. CR: *...era um homem mais novo que alguém...*

(c) *Os correlativos*: “um correlator serve para aproximar dois fatos que realmente aconteceram e se encontram ainda reunidos em uma mesma oração independente”. (LABOV, op. cit., p. 326). Ou seja: ele serve para associar os diferentes aspectos da oralidade. Por exemplo em:

39. A: de lá aonde esse elevador era de lá de lá aonde?

40. H: *...o meu pai fala assim eu não posso olhar quando abre a janela ele falô eu não posso olhar ele fechou*

(d) *Explicativos*: aqui, trata-se das orações subordinadas que trazem explicações ou avaliações sobre as orações principais, narrativas ou avaliativas, às quais estão ligadas. Um exemplo de causal:

41. A: não diga então...você dirige com bastante habilidade hein?

42 H: e:::e quase que bateu *porque eu tava aqui* meu carro foi uma coisa que eu fiz assim

A essa altura, acreditamos ter mostrado os

procedimentos de avaliação, segundo Labov, através dos quais o locutor pode marcar o interesse em relação ao que narra. É evidente que não esgotamos o assunto. Certamente, existem outros meios que visam mostrar os liames entre as formas lingüísticas e a organização da verbalização (ou “mise en mots”), que nos permitem introduzir algumas modificações no esquema inicial.

Enfim, a partir da análise de fragmentos extraídos dos *corpora*, o objetivo foi mostrar com base no modelo laboviano que, muitas vezes, há não somente uma sintaxe ou vários meios lingüísticos para veicular uma mesma significação, por exemplo, e que “uma redução narrativa do heterogêneo a uma seqüência textual poderia ocultar o duplo movimento de organização e inserção da narrativa numa situação de troca verbal” (ADAM, 1991, p. 100-101). Existem sempre estratégias discursivas para contar um fato, descrever uma imagem, etc. E sobretudo que não se trata somente de identificar estruturas frásticas como vemos em Labov (1972; 1978), visto que elas não levam em conta o implícito ou os efeitos de diferentes variações textuais. Procura-se, antes, dar conta dos movimentos discursivos, ou melhor, compreender como os participantes do diálogo podem, finalmente, melhorar mais a explicitação do que a avaliação.

Dizendo a mesma coisa de outro modo, citamos F. François (1988, p. 25) quando ele nos lembra que “*é o fato de que estamos num espaço de jogo, onde o erro não tem consequência dramática, onde podemos voltar atrás, transgredir tabus, colocar junto o que não teríamos pensado em aproximar, que permite à linguagem funcionar plenamente*”.

Concluimos esta exposição parafraseando Kerbrat-Orecchioni (1996, p. 6; 26): “na interação face a face, o discurso é inteiramente ‘co-produzido’, é fruto de um ‘trabalho de colaboração’ incessante – tal é a perspectiva

que subentende a abordagem interacionista das produções linguageiras”. Mas, além disso (acrescenta a autora), “o material paraverbal e não-verbal desempenha um papel importante nos mecanismos que permitem tomar, manter ou passar a fala”.

Referências Bibliográficas

ADAM, J.-M. (1991). *Le récit*. 21. éd. Paris, PUF.

FRANÇOIS, F. (1988). De la variation et de ses variétés dans différents discours d'enfants: diversité, mélanges, métaphores, irrptions et leurs familles. *Repères*, n. 76: 13-31.

_____. (1996). *Práticas do oral*. Diálogo, jogo e variações das figuras do sentido. Trad. de Lélia Erbolato Melo. São Paulo, Pró-Fono.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1996). *La conversation*. Paris, Seuil.

LABOV, W. (1978). La transformation du vécu à travers la syntaxe narrative. *Le parler ordinaire, la langue des ghettos noirs des États-Unis*. Paris, Minuit: 289-335.

SABEAU-JOUANNET, É. (1984). Conduites de récits. In: FRANÇOIS, F. et alii. *Conduites linguistiques chez le jeune enfant*. Paris, PUF: 184-214.